

Ensino Médio – Politécnico: um desafio a partir da Escola Técnica Estadual Getúlio Vargas

1 CONTEXTO DO RELATO

Este trabalho acontece na Escola Técnica Estadual Getúlio Vargas (onde atuo desde 1991 com sala de aula e supervisão), que foi fundada com o objetivo de desenvolver a educação exclusiva de cursos técnicos. Com a atual legislação em meados da década de noventa passou também a atender alunos do Ensino Médio.

Atualmente, estamos com as primeiras séries desenvolvendo o Ensino Médio Politécnico.

Este relato é sobre os encontros com os professores de Seminário Integrado.

2 Detalhamento das atividades

Em Dezembro, passado, fui convidada para um encontro de supervisores na 18ª CREA onde foi colocada a proposta de mudança no Ensino Médio do Rio Grande do Sul. Desde, então, temos recebido formação para a implantação do Ensino Médio Politécnico nas escolas estaduais.

Fomos orientados para que no início desse ano letivo apresentássemos aos colegas professores a mudança educacional, o qual foi feito.

A Mantenedora solicitou representantes das escolas para as discussões em Porto Alegre, tornei-me candidata e fui eleita por aclamação, já que ninguém mais interessou-se pela representação.

Dentro deste contexto, passei a coordenar nossos encontros na escola com o grupo de professores responsáveis pela disciplina de Seminário Integrado.

Aqui várias indagações apareceram, cito algumas:

- o que é Seminário Integrado?
- qual é o conteúdo de S. I. ?
- Quem é o professor de S. I. ?
- o que faço com a nota?
- Como faço com o aluno que não aprendeu? ...

3 ANÁLISE DO RELATO

Nos nossos encontros tenho defendido o trabalho coletivo:

“Uma das grandes inovações da pedagogia freireana é considerar que o sujeito da criação cultural não é individual, mas coletivo” diz José E. Romão, **diretor do Instituto Paulo Freire**, em São Paulo.

Acredito que para a atualidade a metodologia adequada para trabalharmos na escola é através dos ensinamentos de Paulo Freire. Não podemos mais tratar o conhecimento como verdade absoluta e acabado, onde o professor é o dono do saber - meus pais acreditavam que a professora era uma pessoa intocável, ‘ela pode tudo até dar o castigo para a resposta errada...’

Dentro dessa minha convicção, tenho como objetivo discutir com os colegas a nossa metodologia de trabalho.

“....O objetivo do córtex cerebral não é funcionar como um depósito de informações, mas como um suporte para a criatividade, um canteiro para a produção de novas ideias, impressões, análises...” A. Cury

Com o avanço das discussões chegamos em um momento em que, coletivamente, elaboramos uma atividade para um sábado, a denominamos de “Caça ao Texto”. Esse trabalho foi conseguido após três reuniões. E as indagações, novamente eram muitas:

- se chover? (uma colega chegou a fazer uma aula extra – com ela fiz uma reflexão – a aula extra foi tirada no grupo? Então não podemos usá-la.)

- os que não vierem?

- os textos vão valer quanto?

Qual minha resposta a tudo?

Colegas, o que estou fazendo aqui nada mais é o que acontece nas salas de vocês e para tal, dentro dessa dinâmica atual tentem não fazerem tanta cobrança e tratem o conhecimento como uma grande descoberta e uma descoberta cheia de prazer.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os encontros na escola continuam e a nível estadual, também. A cada momento os anseios e as dúvidas parecem só aumentarem e não sabemos como colocar em prática a democratização dos saberes no cotidiano da nossa prática pedagógica.

Neste momento sei que continuarei com o grupo de trabalho da escola a caminhada para efetivar o conhecimento como pesquisa e não como algo pronto e acabado que só serve para a prova do ENEM.

5 REFERÊNCIAS

<http://revistaescola.abril.com.br/historia/pratica-pedagogica/mentor-educacao-consciencia>

Cury, Augusto. O semeador de ideias. SP. Ed Academia de Inteligência, 2010

Medeiros, Isabel L. P. A avaliação entre a lógica classificatória e a lógica emancipatória: concepções concorrentes no cenário educacional atual